

ECOS DE UMA HISTÓRIA SILENCIOSA: VIOLÊNCIA E IMPUNIDADE NO ASSASSINATO DE VIOLETA FORMIGA (1951-1982)

Rayana Benicio de Oliveira¹

A Violência de gênero pode ser conceituada como qualquer ato que resulta ou possa resultar em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, inclusive ameaças de tais atos, coerção ou privação arbitrária de liberdade em público ou na vida privada. São muitos os tipos de violência que envolvem as mulheres, e em muitas dessas situações o amor revestido de ciúme tem servido de justificativa para atos violentos (Analba Brasão, 2009). Coadunamos com Sandra Raquew dos Santos Azevêdo (2011) que comenta que histórias de mulheres que passaram por violências são variadas e ainda assim é pouco comum um olhar interpretativo de tais problemas, visto que a violência contra a mulher possui várias configurações como: a violência física, a psicológica, sexual, moral e patrimonial. Manifestando-se de forma heterogênea de acordo com a cultura, lugar e tempo, interligada por uma cultura patriarcal na qual o homem é o sujeito de maior valor, é quem estabelece o domínio e o poder sobre as mulheres.

Pensar em Violeta Formiga torna-se, portanto, um exercício em torno de questões da sexualidade e do poder que se estabelece de todas as maneiras condicionando as redes de sentido da sociedade. Por isso, Violeta torna-se uma mulher que representa muitas histórias de outras mulheres, que tem e tiveram suas vidas aprisionadas e mortas em redes tracejadas por silêncios, dores e violência empregada em seus corpos. Nesses discursos não é difícil notar o silêncio sobre as histórias plurais de mulheres.

Foi a partir dos feminismos que as mulheres passaram a desconstruir narrativas que excluía suas vidas da história nacional buscando produzir novas cartografias existenciais, dessa maneira este texto propõe questionar as relações de poder na sociedade, em detrimento da hegemonia das forças, e das relações de alteridade entre os seres humanos. Isso inclui falar sobre a mulher, o negro, o escravizado, enfim, personalidades historicamente excluídas dos debates e decisões da sociedade e que ainda sofrem por constituir as minorias sociais e culturais. E assim os homens foram construídos, enquanto indivíduos ativos, centralizados, responsáveis pela sua conduta e pela conduta feminina e dessa forma suas histórias ganharam maior projeção nacional.

Diante desse contexto de descaso as histórias de mulheres, pensamos em debater o assassinato que segundo Raquew dos Santos Azevedo (2011) “motivou o aparecimento dos primeiros grupos de mulheres (2011:40) no Estado da Paraíba, relacionando-se com o movimento de estruturação de vários grupos sociais: “O assassinato da poetisa Violeta Formiga, nos anos 1980, marcou a agenda política do movimento de mulheres”. (2011:40) Logo, compreendemos este assassinato como responsável pelo aparecimento dos primeiros grupos de mulheres no Estado da Paraíba.

A discussão da violência contra a mulher, é um fato recente, e ainda constitui uma problemática que requer a preocupação das estudiosas feministas, que empenham-se em desconstruir o discurso falocêntrico e as relações de poder na sociedade. Sobre isso, Analba Brasão(2009) comenta que entre as inúmeras situações de violência presentes na sociedade contemporânea, as que são vinculadas a mídia sobre a agressão nas relações conjugais enfatizam o amor como sendo o motivador dos homicídios das mulheres.

Em pleno século 21, tais mídias continuam enfatizando tais tipos de relações de poder, onde no universo masculino o fim das relações amorosas, ainda são motivadoras de mortes femininas. Este é o amor, sinônimo de ciúme, sinônimo de medo, sinônimo de

¹. Mestranda do programa de Pós Graduação em História da UFPB. Endereço eletrônico: rayanabenicio@yahoo.com.br

“posse sexual” e sinônimo de morte. Maneira pela qual os indivíduos submetem seus desejos a vontade de permanecer com um parceiro fixo, mesmo sem a vontade do parceiro. Coadunamos com Raisa Schpun (2004:10) que comenta que a masculinidade liga-se a uma percepção da sexualidade em que o masculino-sujeito contrapõe-se ao feminino-objeto; forma específica do controle da sexualidade feminina. A masculinidade liga-se ao controle dos desejos e das vontades e ainda exerce poder e de controle sobre as mulheres.

Esta perspectiva de análise, reflete o gênero como uma representação contida no indivíduo, construído cultural e historicamente, pois todo o discurso está situado no tempo e no espaço. E esses discursos sustentam as práticas de exclusão dos indivíduos.

Joan W. Scott (1990) observa a categoria gênero entre duas proposições fundamentais: “1)O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseada nas diferentes percepções entre os sexos e 2)“o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. (1990:6) Logo, a inferiorização da mulher aparece como resultado de uma essência atrelada ao seu corpo “inferior” exigindo vigilância constante e a domesticação de seu ser.

As mulheres foram constituídas como alvo privilegiado da agressão masculina, devido ao corpo que impõem um lugar no mundo. Este corpo é reflexo das marcas de poder e dos mecanismos de controle que delimitam os corpos em respectivos lugares sociais e morais. Dessa maneira, as temáticas como cotidiano e sensibilidades femininas não fazem parte das temáticas valorizadas, num universo no qual os temas eleitos pela masculinidade, é que estão na ordem do dia e assim as poesias de Violeta caíram no esquecimento, como se não tivessem importância, como se não merecessem ser lembradas, nem discutidas. Ao mais trata-se de contrapor os discursos e imagens esquecidas ao discurso considerado universal e dessa forma perceber que as escritas poéticas femininas foram por muito tempo, negligenciadas do cenário literário. Logo lembramos que o estigma social era alimentado pelo viés masculino, dificultando o trabalho de escritoras femininas serem facilmente lidas e apreciadas.

Michelle Perrot (2005) observa que o corpo feminino está no centro de todas as relações de poder, sua aparência, sua beleza, suas formas, suas roupas, seus gestos, seu sorriso, suas lágrimas, tudo é motivo de suspeita. Suspeita que visa seu sexo, suspeita que busca aprisionar o corpo feminino para que não o olhem. “O corpo das mulheres não lhes pertence.”(2005: 447) Em casa ele pertence ao seu pai, quando casa pertence ao seu marido. “Invisibilidade” faz parte da história das mulheres, ou dos lugares reservados a elas historicamente, lugar que Violeta de Lourdes Formiga Maia não aceitou ocupar. Entre as palavras e o silêncio, Violeta preferiu falar silenciosamente em meio a um processo de escrita e assim estabeleceu dentro da sua própria angústia a vontade de lutar.

Sucitar acontecimentos, escapar aos códigos, transgredindo e sentindo as marcas de um relacionamento doentio e machista. Escrever sempre foi seu ato de amor e liberdade. Violeta de Lourdes Gonçalves Formiga nasceu no dia 28 de maio de 1951, na cidade de Pombal, sertão da Paraíba. Violeta Formiga mudou-se para João Pessoa em 1971, com a finalidade de continuar os estudos, onde se graduou em psicologia pela Universidade Federal da Paraíba e se casou. Trabalhava nos jornais impressos da cidade de João Pessoa e em Jornais fora do Estado da Paraíba, publicando contos, crônicas e poemas.

“Doce, frágil, risonha, vivaz... alegre”², mas, aos 31 anos de idade foi brutalmente assassinada pelo seu ex marido Antonio Olimpio Rosado Maia³. De acordo com

² O Norte, 22 de agosto de 1982.

³ Natural de Pombal o advogado Antonio Olimpio Rosado Maia, mais conhecido entre centenas de amigos e admiradores como Toinho Maia, é um dos mais conceituados bacharéis entre os frequentadores do Fórum e do Tribunal de Justiça, por sua atuação num dos mais importantes escritórios de advocacia de João Pessoa, o do seu parente e companheiro de lides jurídicas Paulo Maia. De natural sóbrio, educado, cortês e muito prestativo

as fontes analisadas, após separados, Violeta Formiga recebeu um convite para jantar com o ex marido e não voltou mais.

Violeta foi assassinada com um tiro de beretta 6.35 possivelmente depois de uma discussão com o advogado. O tiro atingiu o coração da poetisa que morreu na hora. Segundo os autos do inquérito, antes de ser morta, Violeta Formiga foi barbaramente espancada e vivia com o marido sob constante pressão. (O Correio, 23 de novembro de 1994)

O crime, aconteceu de forma muito violenta e ficou marcado na memória dos Paraibanos. De acordo com o processo Criminal analisado, o término do casamento do casal foi o motivo do assassinato:

Violeta estava aguardando ser homologado o desquite bem como concluir o mestrado que estava fazendo para procurar um meio de ficar livre de Antônio, porém sem o mesmo matá-la nem também seu irmão, mas infelizmente antes de alcançar o desejo foi assassinada pelo esposo Antônio Olímpio Rosado Maia; que não há dúvida nenhuma que Antônio assassinou por dolo e não por causalidade; Que na penúltima vez que Violeta saiu com Antonio, ela avisou a ele que não mais sairia com ele, razão pela qual Violeta saiu pela última vez e se deu o assassinato. E mais não disse. Lido e achado conforme, assinam a autoridade e a declarante, comigo, Mario Ferreira da Silva, escrivão da Delegacia de Crimes Contra a Pessoa. (Fórum Criminal. Comarca de João Pessoa. Tribunal do Júri. Processo nº 84211423. Página 18. Data de 23 de maio de 1984)

Violeta aguardava ser homologado o desquite pois faltava ainda, decidir sobre a partilha dos bens do casal. Mas, de acordo com as fontes, Antonio Olimpio Rosado Maia matou-a sem nem deixa-la realizar sua vontade de libertar-se. Entendemos, que compreender os discursos formadores do imaginário social, é lutar contra a violência que sofrem as mulheres. Por isso, notamos a necessidade de estudar a história de vida de Violeta Formiga, pois compreendemos que tal estudo visa aproximar-se das tramas violentas em que foram inseridas as mulheres, buscando transformar as formas misóginas e machistas de pensar que hierarquizam o mundo e produzem discursos de verdade autoritários e excludentes, pois o estudo feminista visa dissolver as narrativas históricas, universalistas e binárias.

Michel Foucault, tem sido importante para perceber a história dos excluídos, não apenas das mulheres, seu estudo traz categorias como os loucos, os doentes, os presos enfim uma imensidão de histórias que tiveram suas vidas forçadamente submersos numa rede de poder que aprisiona a vida. Neste sentido a noção foucaultiana da história da sexualidade fomenta discussões complexas:

A sexualidade é um nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas a grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das

– ninguém é mais amigo dos amigos do que ele, diz uma de suas parentes e amigas –, Antônio Maia pode também quando julgar necessário ter atitudes violentas como aconteceu há cerca de seis meses, no restaurante litorâneo “O Elite”, quando sentindo-se insultado pelo comportamento de pessoas numa mesa vizinha a sua (onde se encontrava com duas amigas), foi ao carro, pegou o revólver e fez vários disparos contra o local de onde pareciam partir os insultos, quase então atingindo o então secretário Marcelo Lopes. Uma pessoa saiu ferida no incidente, que não teve maiores desenvolvimentos. Filho do Coronel Osório Olímpio Maia, de Catolé do Rocha, Antonio Maia é homem extremamente afável, no trato íntimo e com amigos seja do Tribunal de Justiça seja nos restaurantes que costuma frequentar (...) seja ainda nas aulas de direito trabalhista, que ministra na Universidade Autônoma de João Pessoa (...) (O NORTE, 22 de agosto de 1982)

resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo estratégias de saber e poder. (Foucault, 2014, p. 115)

Em outras palavras o dispositivo funciona como uma estratégia de controle que depende de saberes específicos. Rodrigues(2015) apud Foucault (2014) explica que para se compreender do que se trata o dispositivo, é necessário primeiramente ler a *Microfísica do poder* (1997), pois no decorrer do trabalho o autor define dispositivo como um conjunto heterogêneo de elementos formados por discursos, instituições, organizações arquitetônicas, regulamentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos proposições filosóficas, morais, filantrópicas... enfim o dispositivo é formado por uma rede de sustentação do poder.

O dispositivo como entende Foucault (2014) é uma forma de controle dos corpos e das populações. Dentro desta constatação pode se inserir algumas preposições pertinentes para a compreensão do poder: o poder se exerce em meio a relações desiguais e logo produzem efeitos imensos de desigualdades e desequilíbrio formando uma dualidade entre dominadores e dominados. Mediante tais características constatamos que a relação amorosa de Violeta, estabeleceu-se sempre como uma relação de dominador e dominado.

Apesar da separação a vítima não pode viajar para o Estado do Pará, a fim de morar como pretendia com sua irmã em face das ameaças feitas pelo seu marido, que lhe dizia frequentemente se ela viajasse mataria José de Souza Formiga Filho, conhecido por “Jean”, irmão da vítima. (O NORTE, 22 de novembro de 1994)

Como uma forma de punição, nesta sociedade, a ordem masculina se evidencia no fato de excluir o poder de recusa da vítima, que mesmo contra vontade, sente-se coagida a realizar o que a ela foi exigido. Para Michel Foucault (2014) há cinco passos pertinentes para compreender a noção de poder (2014:91). Primeiro, é importante perceber que o poder jamais estabelece relação que não seja de modo negativo ao sexo. Segundo: o poder dita lei, dessa forma o sexo fica reduzido a ele, aqui o poder tem a função de legislador, e seu modo de ação com respeito ao sexo é jurídico discursivo. Terceiro: o poder oprime o sexo ao afirmar a todo momento aquilo que é permitido. Quarto: mesmo com tantos mecanismos de controle o poder se exerce igual em diferentes camadas sociais não importando os aparelhos ou instituições em que se apoie, agindo de maneira uniforme:

do Estado à família, do príncipe ao pai, do tribunal a quinquilharia das punições cotidianas, das instâncias da dominação social às estruturas constitutivas do próprio sujeito, encontrar-se-ia, em escalas diferentes apenas, uma forma geral de poder. Essa forma é o direito, com o jogo entre o lícito e o ilícito, a transgressão e o castigo (Foucault, 2014, p. 93)

As táticas foram as maneiras de introduzir ordem entre os poderes, buscando reduzir os indivíduos através da dominação, submissão, sujeição até chegar no princípio da obediência. E assim, essas grandes formas de poder funcionaram como um conjunto unitário submetendo todos os indivíduos a um grupo de regras sociais estabelecidas através do direito. Chegando no século XVIII a funcionar através de regras, não pelo direito, mas pela técnica, não pelo castigo, mas pelo controle, realizado através das instâncias de poder que seria uma multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem. Este poder se exerce em meio a relações desiguais por todos os lados e estão no nível produtivo da ordem social. Atuando através de múltiplas forças nos aparelhos de produção, na família, em todos os lados. E formam então uma linha de força geral que aprisiona os corpos a exercerem determinadas funções sociais.

Este poder condicionou Violeta a exercer certos comportamentos por vezes contrários ao que ela acreditava, pois sendo submissa a Antônio Olímpio Rosado Maia mantinha-se viva e ganhava tempo para buscar libertar-se das inúmeras prescrições

comportamentais que o mesmo exigia. Sobre isso, Djean Formiga comenta:

Ela era uma pessoa meiga, doce, inimiga da violência e sempre que era espancada sofria tudo em silêncio, resignada com seu destino. Seu casamento com Toinho Maia foi forçado, porque ela não queria, só aceitou porque ele fazia ameaças de matá-la ou a seu irmão. Minha irmã antes de morrer sofreu muito. Foi seviciada, espancada, amordaçada e finalmente assassinada cruelmente. (O NORTE, 24 de agosto de 1982)

De acordo com os jornais observados, Violeta Formiga permaneceu neste relacionamento por 16 anos, período este que a mesma ficou impedida de trabalhar⁴. Analba Brasão(2009) comenta que entre as inúmeras situações de violência presentes na sociedade contemporânea, as que são vinculadas a mídia sobre a agressão nas relações conjugais enfatizam o amor como sendo o motivador dos homicídios das mulheres. Em pleno século 21, tais mídias continuam enfatizando tais tipos de relações de poder, onde no universo masculino o fim das relações amorosas, ainda são motivadoras de mortes femininas. Este é o amor, sinônimo de ciúme, sinônimo de medo, sinônimo de “posse sexual” e sinônimo de morte. Devemos levar em consideração que para a manutenção de um relacionamento amoroso, a fidelidade é essencial. Pois, esta é a maneira pela qual os indivíduos submetem seus desejos a vontade de permanecer com um parceiro fixo, designando assim uma constante resistência para não desejar nenhum outro indivíduo; a fidelidade nada mais é que o domínio dos desejos.

As histórias envolvendo mulheres são muitas. São muitos os casos que podemos relatar mudanças abruptas em um destino aparentemente bem desenhando. Os destinos são variados e muitas vezes acontecem sob diferentes circunstâncias. Os endereços mudam, as mulheres também e o fato continua acontecendo nas mais diferentes famílias. Os motivos são os mais torpes possíveis, começam por um desentendimento, pela recusa em ser galanteada... O grande perigo para a mulher é dizer NÃO. Gerações e gerações de mulheres vivem sob o signo do medo e o que isso pode custar? Suas vidas. O que se tem em comum? São violências.

“Essa questão tem sempre um caráter de gênero, isto é, está inserida em relações desiguais, assimétricas, em que, a um dos pares, estão conferidos maior poder e autoridade, atribuições constituídas pela cultura – modo de viver em sociedade – como identidade masculina. A violência praticada por um parceiro íntimo, que pode ser o marido ou o parceiro atual, mas também o anterior, isto é, o ex parceiro ou ex marido, é mais estudado nas relações de gênero entre homens e mulheres.” (Scharaiber, 2005, p. 28)

Esta perspectiva de análise, reflete o gênero como uma representação contida no indivíduo, construído cultural e historicamente, pois todo o discurso está situado no tempo e no espaço. Há uma cenografia de configurações sociais definindo os seres em instâncias, aos homens o poder, as mulheres o medo. Violeta Formiga era uma mulher que presava a liberdade⁵, condição essencial para sua atividade como poeta, mas, tornou-se com o passar dos anos, uma mulher aprisionada devido as imposições que ela enfrentava, motivado pelo ciúme excessivo do marido. Em decorrência disso acreditamos que Violeta Formiga tornou a poesia sua forma de escapar do biopoder nela depositado.

Minha vida

⁴Fórum Criminal. Comarca de João Pessoa. Tribunal do Júri. Processo nº 84211423. Data de 23 de maio de 1984.

⁵Jornal O NORTE, 22 de agosto de 1982; Jornal A UNIÃO, 22 de agosto de 1982, Jornal da Paraíba, 22 de agosto de 1982.

Por uma única
palavra:
Liberdade.

Então eu
serei feliz
como os anjos
que ainda não nasceram.

(INTEIRA – Sensações, 1983)

Concebendo a escrita como espaço de construção da subjetividade, pode-se encontrar na poética da Violeta Formiga um discurso ativo e empenhado com o mundo, forma de ação política, poética feminista, onde no espaço de sua afirmação, mostrava suas fragilidades. Liberdade era seu principal tema para a escrita de versos. Leio o poema “INTEIRA” (Sensações, 1983) como a possibilidade de um esclarecimento sob uma de suas maiores vontades, a liberdade. E assim, Violeta desafia o poder patriarcal, por não acreditar em um conhecimento de si, fundado no medo e na submissão. Sua marca, foi questionar através de suas poesias, as antigas formas hierárquicas, ousando difundir, a constituição de um novo modo de experiência de si, corajoso, ousado, independente e livre. Pois toda discursividade produzida pelo sujeito feminino carrega consigo um sentido, que assumidamente ou não, carrega possibilidades de construção da consciência, consciência que é, sem dúvida, de natureza política.

Levantar essas discussões é um ponto de resistência, no intuito de colaborar na intervenção da memória feminina, que há muito tempo, esta aprisionada aos discursos masculinos. Entretanto, as relações humanas, ainda são forjadas em um imaginário discursivo patriarcal, que criam a todo momento origens universais para melhor justificar sua manutenção. Dessa forma entendemos sua poética não como relatos confessionais, mas uma forma de escapar do controle, escapar das falas reservadas as mulheres e construir discursos que questionam a força e os modos de linguagem estabelecidos.

Esse texto buscar lutar contra os discursos misóginos e contra a violência que sofrem as mulheres enfrentando os discursos formadores do imaginário social. Historicizando a vida de Violeta Formiga buscamos também estudar as formas misóginas e sexistas de se pensar, que hierarquizam o mundo e produzem discursos de verdade, autoritários e excludentes. Significa dissolver as narrativas históricas universalistas e binárias. E assim, torna-se importante essas narrativas que aumentam as discussões sobre a violência contra as mulheres, sendo esta uma forma de lutar contra a impunidade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Sandra Raquel dos Santos. Mulheres em pauta: gênero e violência na agenda midiática. JP: Editora Universitária UFPB, 2011.

BOURDIEU, Pierre. “A Ilusão Biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (Org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 183-191.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

FORMIGA, Violeta. *Sensações*. João Pessoa. 1983.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. "A escrita de si". In: *Ditos e Escritos v*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade 1: A vontade de saber*. tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhom Albuquerque, - 1ª ed.- SP: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. 1ª ed.- SP: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade 3: O cuidado de si*. 1ª ed.- SP: Paz e Terra, 2014.

GAGNEBIM, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

GAGNEBIM, Jeanne Marie. "Memória, história e testemunho". In: Stella Bresciani; Márcia Naxara. *Memória e (res)sentimento*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

GUATTARI, F. ; ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

RAGO, Margarete. *Paisagens e tramas: o gênero entre a história e a arte*. SP: Intermeios, 2013.

RAGO, Margarete. O feminismo acolhe Foucault. *Revista Labrys*. Estudos feministas.

RAGO, Margarete. "Escritas de si, Parrésia e Feminismos". Texto apresentado no VI Colóquio Internacional Michel Foucault. Rio de Janeiro. 2009.

ROSA, Susel Oliveira da. *Estado de exceção e vida nua: a violência policial em Porto Alegre entre os anos 1960 e 1990*. IFCH/UNICAMP. Tese de doutorado em História. 2007.

ROSA, Susel Oliveira da. *Mulheres, ditaduras e memórias: Não imagine que precise ser triste*
SCOTT, Joan. "Gênero: Uma categoria útil de análise histórica." In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, n. 16, julho/dezembro de 1990, p.71-97.

SCHPUN, Monica Raisal. Et al. *Masculinidades*. SP: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.

SCHRAIBER, L. B. et al. *Violência dói e não é direito: a violência contra mulher a saúde e os direitos humanos*. - SP: Editora UNESP, 2005.

SOIHET, Rachel. "História das Mulheres". In: CARDOSO, Ciro F. VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 275-295.

SWAIN, Tania Navarro. "As heterotopias feministas: espaços outros de criação." *Revista Labrys* n. 3. Disponível em: <http://www.tanianavarrowswain.com.br/brasil/anah2.htm>. Acessado em: 15/08/2015.

SWAIN, Tania Navarro. "Entre a vida e a morte, o sexo." *Labrys*. Estudos Feministas. N.12,

2006.

Disponível em: http://www.intervencoesfeministas.mpbnet.com.br/textos/tania-entre_a_vida_ea_morte.pdf

SWAIN, Tania Navarro. A construção imaginária da história e dos gêneros: o Brasil no século XVI. Labrys. Estudos Feministas. Disponível em: <http://tanianavarrowswain.com.br/brasil/constru%E7ao%20imaginaria.htm>

SWAIN, Tania Navarro. A invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomadismo identitário?” Labrys. Estudos Feministas. Disponível em: <http://www.tanianavarrowswain.com.br/chapitres/bresil/espelho,espelho.htm>

SWAIN, Tania Navarro. Os feminismos acolhe Foucault. Labrys. Estudos Feministas. 2014 Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys26/foucault/margaok.htm>

PERROT, Michelle. “Práticas da Memória Feminina”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 8, n. 18, ago/set.1989, p. 9-18.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Teoria e método em Michel Foucault (im) possibilidades.** Cadernos de educação (UFPel), v. 1, p. 11-23, 2009.

TEIXEIRA, Analba Brazão. Nunca você sem mim: homicidas-suicidas nas relações afetivas conjugais. São Paulo: Annablume, 2009.